

## A PEDAGOGIA CULTURAL DO MOVIMENTO SEM TERRA COM RELAÇÃO À INFÂNCIA

WESCHENFELDER, Noeli Valentina UNIJUÍ / UFRGS

MARIA, Noemi Antonio<sup>1</sup>

### Introduzindo a temática de pesquisa

Neste trabalho<sup>2</sup> estão sendo analisados alguns discursos que o MST faz sobre si mesmo e que circulam no interior de seus diferentes grupos, tais como o Jornal Sem Terra.1998/1999, os calendários 1998/1999 e as agendas 1998/1999. Estes estão sendo tomados como artefatos culturais<sup>3</sup> a partir das concepções de discurso, cultura, poder e identidade.

O presente texto aponta para o caráter pedagógico do discurso produzido pelo MST, presente nas estratégias nas quais o sujeito “ Sem Terra” fala de seus sonhos, mostra-se, diz o que pensa e justifica sua luta. Consideramos que estas práticas sociais e culturais produzem subjetividades e identidades no sujeito sem terra.

Nosso olhar está mais sensível aos discursos produzidos pelo MST sobre a infância. Buscamos compreender como esta é nomeada, retratada, noticiada, cantada, acompanhando, com os adultos, todos os momentos da luta pela terra – mobilizações, ocupações, marchas, acampamentos – até tornar-se “Sem-Terrinha”.

O caráter produtivo destes artefatos culturais está, nas formas de o MST falar de si, mediante um discurso produzido para as pessoas que constituem seu coletivo identificadas com o fato de estar e tornar-se “Sem-Terra” e um discurso dirigido para a sociedade brasileira em busca de apoio político.

### Apresentando o MST e seus artefatos culturais:

Considero desnecessário mapear a trajetória da luta política do Movimento Sem Terra que, de certa forma, impõe à sociedade brasileira em processo de globalização, não apenas o debate sobre a reforma agrária, como uma forma muito peculiar de resistência diante do projeto político brasileiro. O MST surge em meio à crescente urbanização vivida nas últimas décadas com intensos processos de exclusão social. São camponeses buscando formas não muito convencionais de enfrentamento, através de acampamentos, marchas urbanas, ocupação de órgãos públicos, enfim, provocando um olhar sobre a vida política e social do país e, em especial, para o problema da terra.

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica CNPq.

<sup>2</sup> O presente trabalho faz parte do Projeto de Pesquisa: *As Produções Culturais do Movimento Sem Terra: Significações e Identidades*. Este tem o apoio PIBIC/CNPq.

<sup>3</sup> Artefatos Culturais: Estou com base nos Estudos Culturais, mais especificamente em Stuart Hall, considerando as diversas linguagens artefatos da cultura, por constituírem em torno de si um objeto num conjunto de significados

A transgressão da lei é feita pelo MST em atos concretos e simbólicos, um movimento em movimento se constitui, construindo um modo de luta e organização peculiar onde experiências ajudaram a produzir sua força política e social, seu modo de vida, sua mística, seu sistema simbólico. Rogério Sottili, em seu trabalho de pesquisa “MST, A nação além da cerca” ( 1999 ), afirma que “é no campo que se inicia o conflito gerador da violência e são as ocupações que marcam a transgressão à lei, a resistência de excluídos e a construção do novo”. ( p.20 ) É na cidade, segundo o pesquisador, que o MST “leva a denúncia, disputa a opinião pública e constrói solidariedade”.( p.20 ) A construção de símbolos é levada à cidade e constitui as marcas do Movimento, uma simbologia política amplamente divulgada.

Cada vez mais são criadas formas de comunicação e divulgação das ações e idéias do MST e, assim, surge o Jornal Sem Terra, inicialmente como um boletim, em 1987, no Rio Grande do sul. Seu objetivo era a divulgação da luta camponesa em busca de apoio nacional. O Jornal Sem Terra, já na sua origem, tinha uma função formativa no interior do próprio MST. Seu desenho, pauta, manchetes, imagens, matérias eram decididas já nos primeiros exemplares, por agricultores acampados na Encruzilhada Natalino R.S., local onde ocorreu primeiro grande acampamento nacional. ( Sottili, 1999 – Schmidt, 1992 )

O jornal conta a história do Movimento e as estratégias discursivas falam das e para as pessoas que estão participando do mesmo, muitos, se percebem nas páginas do jornal, em entrevistas, reportagens e fotografias. Os efeitos produzidos por tais práticas é que estão em análise neste trabalho, conforme já referi anteriormente.

### **Políticas Culturais: nexos entre identidade e representação**

Neste trabalho, as representações estão sendo analisadas a partir de linguagens utilizadas pelo MST - imagens, símbolos, fotos, sons, escrita – presentes no Jornal Sem Terra, calendários e agendas. Os elementos que constituem tais artefatos culturais não apenas transmitem como constroem significados. Stuart Hall ( 1997a ) vai afirmar que tais elementos “são os meios que carregam significados porque eles operam como símbolos, os quais afirmam ou representam o significado que desejamos comunicar”. No caso do MST, a luta pela reforma agrária, especialmente nos últimos anos, não se separa de símbolos, imagens, sons, ritmos e canções que povoam seu dia-a-dia. Assim, adultos, velhos e crianças têm em comum significações, que foram e são construídas pelo cotidiano específico deste movimento social em sua luta política pela terra.

Arriscamos afirmar, com base em Hall ( 1997b ), que a identidade “Sem-Terra” e “Sem-Terrinha” no caso das crianças, não se separa dos modos de representação deste grupo social, de sua luta política e de toda a sua produção cultural amplamente vivenciada nos grupos de sem-terra pelo Brasil afora. Nesta perspectiva, a questão cultural é vital ao MST, justamente por sua dimensão simbólica de luta e enfrentamento

A ampliação da concepção de cultura, trazida por autores ligados aos Estudos Culturais, especialmente por Hall, além de colocar a cultura como centralidade, possibilita o entendimento da pedagogia presente na cultura vivida por este grupo. O autor redimensiona o modo de ver as produções culturais e o modo de questionar o tema pesquisado. Diz ele: “Cultura significa o terreno real e sólido das práticas, representações, línguas e costumes de qualquer sociedade histórica específica, bem como do ‘senso comum’ que se enraizaram na vida popular e ajudaram a moldá-la”. ( Hall, apud Treicheler e Grossberg, 1995, p.15)

A concepção de identidade trazida por este autor ( 1997a ) também contribui para o entendimento da produtividade desta, de sua não- fixidez, de sua multiplicidade. As questões de identidade aqui trabalhadas estão sendo consideradas na sua relação com as representações. É novamente Hall (1997b ) que afirma sua conexão, ou seja, as identidades estão profundamente envolvidas nos processos de representações dos sujeitos e de seus grupos. Portanto, as representações são significados sociais e culturais produzidos e as identidades se constituem nelas e a partir delas. ( p. 26 )

O caráter constitutivo das representações é concebido por Giroux e McLaren, como um lugar formativo e não meramente expressivo na construção de vida social e política”. Aí questões de cultura e ideologia constituem, o que Hall descreve como “cenários da representação sejam, questões de “subjetividades, identidades e política” ( Giroux e McLaren, 1996 p. 149 ). Seguindo tal perspectiva, salientamos que são os cenários da representação que a colocam como construto sócio-cultural, daí nosso olhar para como as crianças são posicionadas em momentos específicos, de maior ou menor confronto, do MST com o Estado ou com latifundiários, ora como lutadoras, corajosas, ora como criança a ser protegida.

Tratando-se dos nexos existentes entre representações e identidades, a tematização feita por Tomáz T. da Silva ( 1997 ) é importante para a compreensão de suas relações. O autor afirma que “a identidade é, pois, ativamente produzida na e através da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo”( p.16 ). Alerta para a inscrição do poder na própria representação e diz dessa conexão entre poder, identidade e representação, na qual política de identidade toma força. O pesquisador mostra que “conhecer e representar são processos inseparáveis”. ( p.1 )

A noção de representação é central nos Estudos Culturais. Costa e Silveira, em sua pesquisa “Afeto e Domesticidade na Constituição das Identidades Femininas para a Docência” ( 1998 ) também trabalham com este conceito, tomando-o como noções que se estabelecem discursivamente. As autoras, da mesma forma que Silva, alertam para a instituição de significados segundo relações de poder.

Inspiradas em tais argumentações, afirmamos que as representações do MST sobre infância não são fixas e não expressam um único modo de como ela é vista, ou a “melhor concepção” sobre a criança, apenas apontamos para o caráter constitutivo das representações, enquanto discursos que têm significações com enunciados interpelando os sujeitos. No nosso caso, interpelando as crianças, mediante a utilização de textos, canções, símbolos, imagens...

### **Da infância protegida à infância lutadora.**

A infância nos discursos do MST é representada de modo aparentemente ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que é cantada , fotografada, legendada, narrada como “sujeito de direitos”, com necessidades de proteção, cuidados, escolarização e espaço para “desenvolver-se” como ser distinto dos adultos. Também é narrada como “lutadora” e acompanha os adultos nas frentes mais árduas de luta pela terra, sendo conclamada, a

participar, junto ao coletivo infantil, conforme mostram imagens e reportagens como a matéria “Encontro dos Sem-Terrinha: Crianças Sim, mas lutadoras” de Nov. 99.

A matéria diz respeito à comemoração do mês da criança<sup>4</sup>, em que vários estados relatam sua programação composta por manifestações públicas, passeatas, protestos, audiências com autoridades e por atividades de lazer e integração das crianças. O relato de quatro estados, Mato Grosso, Paraná, Pernambuco e Minas Gerais marcam encontros estaduais de “Sem Terrinha”, como “um momento muito rico de partilha e de formação para os Sem-Terrinha e seus educadores”, conforme texto da matéria feita no Mato Grosso.

É o estado de Pernambuco, que ressalta a importância da música, sons, ritmos e danças regionais, que acompanham as reivindicações do encontro estadual, o qual durou três dias, reunindo 1500 crianças.

Minas Gerais assinala que, ao reunir suas crianças nos dois dias, realizaram oficinas, passeios, brincadeiras e debates. Em documento público, as crianças expressaram sonhos, desejos e reivindicações como creche, educação, cidadania, comida em fartura e qualidade e democratização dos meios de comunicação.

De um lado, representações que constituem uma infância frágil, de um tempo de passagem, uma etapa de vida que carece de cuidados especiais “uma infância a ser protegida”; de outro, representações de crianças fortes, “lutadoras” em enfrentamentos que exigem coragem, disposição e resistência ao medo, ao frio ou calor, à fome, à dor... Para a “infância ser protegida” é que o MST se movimenta “em luta por um lugar para morar e trabalhar”. A “garantia de uma infância sem fome e de um futuro promissor é a reforma agrária” diz o discurso da proteção, como afirmam também as “coisas ditas” pelo discurso que representa a “criança lutadora”. Estas são representações presentes nos discursos analisados por esta pesquisa.

Imagens da “infância com direitos à proteção”, “Criança sim, mas lutadora”, estão em fotografias escolhidas para mostrar e dizer, estão em palavras, legendas, gritos de ordem, redações, canções...Uma foto, capa do Jornal nº 184, 1998 escolhida como imagem central, também para o calendário do MST para o ano de 1999, foi tirada no Encontro Estadual “Sem Terrinhas” ( S.P. ). Nela dois meninos, um branco e outro negro seguram a bandeira do MST. Sob a legenda “Reforma Agrária uma luta de todos, ( grifo meu ) referente à participação também das crianças na luta. Seria esta, a materialidade específica das coisas ditas sobre a infância pelo MST? Buscamos em Foucault seu jeito de olhar e de investigar, pois tal materialidade está “no modo como são inscritas, construídas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais” .( Foucault, 1986:133 apud Fischer, 1997, p. 69 )

---

<sup>4</sup> O Iº Encontro dos “Sem - Terrinha” foi realizado pelo MST em 1994, sobre as mobilizações infantis do MST, trata o caderno “*Crianças em movimento: mobilizações infantis no MST*” Setor de Educação do MST. Porto Alegre, 1999.

Na análise realizada, busco mostrar que nos artefatos culturais produzidos pelo MST, durante os anos de 1998 e 1999 jornais, agendas, calendário, canções... muitas significações estão em movimento, oposição ou negociação, são significações de infância que estão em jogo, numa rede pontuada por relações de poder. Com isso argumentamos que a criança do MST vai sendo constituída em sua identidade “Sem-Terrinha”, conforme são nomeadas por seus inúmeros artefatos culturais. Assim, convivem, não passivamente, com discursos que produzem jeitos de ser corajosa, lutadora em alguns momentos e com necessidade de proteção noutros. Em ambas as representações as crianças percebem-se, pois os artefatos culturais falam dela, ao mesmo tempo em que elas falam de si em canções, desenhos, redações, entrevistas... As crianças são subjetivadas pelos discursos criados pelo MST no cotidiano de sua luta pela terra.

A página destinada aos Estados do Jornal Sem Terra novamente serve para mostrar alguns mecanismos discursivos do MST e que produzem efeitos na subjetivação das crianças. O Jornal Sem Terra, nº 184 – Nov. 1998, traz em sua manchete central o título “Encontro dos Sem Terrinha e Sem Tetinho”. A frase “O Brasil que queremos tem que ser agora” abre a matéria que relata o encontro, com a proposta de “integrar a infância do campo e da cidade, bem como despertar senso crítico”... É uma menina, Janaína ( 12 anos ), que, ao avaliar a importância dos encontros, diz: “as crianças criam consciência sobre a importância da luta por um novo país”. Nesta mesma matéria é mencionado o Concurso de Redações, com o tema “O Brasil que queremos”, cuja abrangência foi a nível nacional. Na mesma página um menino, José ( P. E. ) 13 anos e uma menina Eliete ( S. P. ) 11 anos falam de si e da necessidade e importância da reforma agrária em entrevista para o Jornal Sem Terra. As perguntas são as mesmas e as respostas não são muito diferentes embora as crianças sejam de estados distantes, permitindo perceber o discurso do MST presente, circulando entre as crianças “Sem-Terrinha”.

### **Representações da infância nas agendas do MST – 1998/1999.**

Muitas das fotografias que ilustram a agenda do MST – 1999 - mostram crianças, a começar pela capa. A imagem escolhida é uma fotografia de crianças realizando uma atividade agrícola com instrumentos de trabalho sendo utilizados e dominados pelas crianças. Uma mulher adulta, provavelmente a professora, está caminhando em direção à escola. Num primeiro plano da fotografia, um menino com um rastel nas costas, sorri para a câmera; num segundo plano estão outros meninos e uma menina também com os instrumentos de trabalho: foice e enxada. Em último plano está a escola com a bandeira do MST hasteada. A capa da agenda tem como destaque em sua base inferior o selo-símbolo dos 15 anos de aniversário do MST. Não por acaso, escolheram esta imagem de crianças em frente a uma escola de assentamento ( símbolo de uma conquista pela terra ) para ilustrar a agenda, permitindo perceber, representações de uma infância com seus direitos assegurados pela posse da terra.

Já na primeira página da agenda, outra fotografia, de João Zinclar, traz, novamente crianças, desta vez agachadas com um exemplar do Jornal Sem Terra no centro de uma rodinha, cuja manchete é: “Iniciada a Marcha a Brasília”. Convém sublinhar que esta imagem mostra um artefato cultural, o Jornal Sem Terra,

sendo lido por crianças. Implicitamente está a idéia aí revelada de que as crianças em assentamento do MST têm acesso à leitura e à escrita e estão “protegidas”.

No final da agenda há uma série de fotografias, tipo cartão postal, com dados sobre as lutas e conquistas do MST. Destas fotos quatro são de crianças, junto com adultos em afazeres rurais ou sozinhas. Uma das fotos é ilustrativa, uma menina negra de olhar tristonho e cansado está com um bebê no colo. Foto que marca, como tantas outras, uma política cultural de identidade, um modo do MST mostrar as suas crianças. Neste caso, a imagem é de uma criança desprotegida, mas que tem direito a proteção.

A fotografia de um menino carregando um imenso pão caseiro ilustra a legenda que é emblemática e, de certa forma, explicita uma representação de infância e sua relação com a terra. “Reforma Agrária: garantia de infância sem fome e de um futuro promissor.”

Na agenda de 1998, as crianças são mostradas em menor proporção, apenas na série tipo cartão-postal com fotos amplamente divulgadas no livro Terra de Sebastião Salgado.

### **A produção cultural da infância**

Ao analisar, discursos constituidores da infância no MST, consideramos importante relativizar a concepção de criança com a qual a educação tem operado nos últimos anos, ou seja, uma concepção naturalmente dada. A infância, como o “outro”, diferente do adulto, é resultado de uma produção histórica e cultural e significa uma “virada” no modo de ver a criança e as instituições educacionais. O Conceito de infância como um ser diferente dos adultos, seres com tratamento especial, surge com a modernidade, conforme Philippe Ariès (1981). O estudo deste autor significou um marco para outros(as) pesquisadores (as) como Kramer (1992, 1996, 1998), Kuhlmann Jr. (1998), Narodowski (1995), Steinberg (1997), Jobim e Souza (1997), Corazza (1998). Alguns questionamentos levam-nos a relativizar uma única concepção de infância: O lugar da criança na sociedade contemporânea terá sido sempre o mesmo? Em nossa sociedade desigual e marcada por transformações culturais, como a criança foi concebida ao longo dos anos? Como produziu-se distinções entre infância rural e urbana? Que sentidos foram e são atribuídos à criança, seu nascimento, morte, crescimento, escolarização? Como são subjetivadas as crianças hoje, crianças da cidade, do campo? Crianças do MST? Como diferentes discursos presentes nos vários artefatos culturais operam na produção de subjetividades e identidades das crianças do MST?

A infância, como um conceito em constante construção é compreendida principalmente a partir de estudos como o de Ariès (1981), quando analisa textos, retratos,

brinquedos, túmulos, roupas, registros... em que mostrou distintas representações de crianças em diferentes períodos históricos. Esse tipo de pesquisa mostra que “as imagens das crianças, feitas por pessoas adultas, são determinantes” (Larrosa e Lara, 1998, p.7).

Estudos recentes feitos no Brasil sobre esse tema (Kuhlmann, 1998 e Del Priori, 1999)<sup>5</sup>, reconhecem a importância da obra do francês Ariés, pioneira em estudos sobre a criança e a família, porém questionam a sua transposição de forma abstrata e linear para outros contextos, como o brasileiro. Del Priori questiona algumas teses de Ariés, para o caso do Brasil, como por exemplo a valorização da criança, a escolarização e a emergência da vida privada durante o tardio processo de industrialização brasileiro e as concepções transpostas da Europa burguesa, urbana e iluminista.

A autora chama a atenção para a necessidade de estudos sobre a criança brasileira, pois: “diferentemente de europeus e americanos, cujas culturas produziram, desde épocas mais remotas, imagens, objetos e representações que nos contam sobre a infância no Brasil, temos que estar alertas a outro tipo de fontes...” (1999, p.15). Aponta para possibilidades de pesquisas sobre a infância: “o cuidado com o corpo, alimentação, brinquedos, as formas de religiosidade, os laços familiares...” (p.16). Na obra “*História das Crianças no Brasil*”, autores falam sobre crianças e mostram que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito e escrito, no qual a criança deveria “ser” ou “ter”, daquele onde esta criança vive, ou, na maioria das vezes, sobrevive.

A infância é, segundo tais concepções, uma produção social e histórica e não simplesmente uma etapa da vida de um ser biológico, fase natural de um processo de crescimento, que passa para a adolescência e, depois, para vida adulta. Segundo Shirley R. Steinberg (1997), a infância é uma criação da sociedade sujeita à mudanças sempre que ocorrem transformações sociais. Em seu texto *Kindercultura* (p.99), a autora mostra que o auge da chamada infância tradicional durou não mais de 150 anos.. Nesse período também se desenvolveu o protótipo da família moderna. Para a autora, a concepção de “infância fase natural” da vida humana é uma perspectiva apoiada numa definição biológica e não cultural de infância.

Cotidianamente as crianças vivem e viveram num campo carregado de elementos implicados em relações de poder que compõem o terreno de uma política cultural, conforme afirma Marisa V. Costa, quando examina o currículo escolar. Em seu texto *Currículo e Política Cultural*, a autora enfatiza que as escolas e seus currículos são

---

<sup>5</sup> As obras constam na bibliografia.

territórios de produção, circulação e consolidação de significados, espaços de concretização da política de identidade. Em nosso trabalho ao problematizar a concepção de infância como “fase natural”, relativizamos também, a instituição escolar como “o lugar” onde aprendizagens acontecem, onde se tornam sujeitos infantis.

A infância é produzida noutros lugares que não apenas nas instituições educacionais, creches, escolas e, segundo Steinberg (1997, p.98), a ampliação de espaços educativos e produtivos é explicada pelos Estudos Culturais. Tais concepções mostram que a Pedagogia está em qualquer lugar onde o conhecimento possa ser produzido, em qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir a experiência (Giroux, 1995, p.144). Os locais são sociais e produzem uma pedagogia, justamente porque “o poder se organiza e se exercita em lugares como as bibliotecas, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios publicitários, programas, livros, canções, esportes...” (Steinberg, 1997, p.102). Neste trabalho percebemos inúmeros locais sociais que as crianças do MST têm acesso e convivem com uma variedade de artefatos culturais.

Um dos aspectos enfatizados pelos Estudos Culturais diz da possibilidade de potencializar a análise cultural, o que implica a busca de outras formas de conceber a Pedagogia e o Currículo. Graças a tais estudos é possível uma concepção bem mais ampla de Pedagogia e de Cultura. Outra ênfase dos Estudos Culturais está na linguagem, em especial na ampliação da noção de texto, tomado no seu caráter produtivo, discursivo.

O caráter produtivo dos discursos é explicado por Foucault. Assim, utilizamos a concepção de discurso na acepção foucaultiana, tratando-o como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 1995a, p.56). Foucault é sensível aos signos, e alerta dizendo que os discursos são feitos destes. Entretanto, diz o autor, “o que fazem é mais que utilizar estes signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse *mais* que é preciso fazer aparecer, que é preciso descrever”. (p.56) Eis a grande questão em nosso trabalho, ou seja, como fazer aparecer “esse mais”? Buscamos sensibilizar um novo jeito de olhar procurando discursos constituidores de uma infância no MST, problematizando a materialidade presentes em diversos artefatos culturais, questionando seus efeitos, na produção de um currículo ideológico infantil, ou seja, uma política cultural para a infância que, ao falar sobre ser menino ou menina, posicionam crianças em espaços, produzindo e fixando identidades e subjetividades.

Os Estudos Culturais nos dizem que se os pedagogos quiserem compreender os processos educacionais do final do séc. XX, é necessário que se analise tanto a escola, como a pedagogia cultural que está no mundo contemporâneo (Steinberg, 1997). Esta eficiente pedagogia produz jeitos de ser, formas de ver o mundo e as coisas, isso tudo molda identidades... A forma pela qual a pedagogia cultural atua não é inocente, e cada vez mais, passa a ser estruturada pelo mercado consumidor, pela publicidade e por todos os artefatos aos quais a infância contemporânea tem acesso, seja pela posse de objetos prometidos ou pelo desejo da falta destes.

Com base em estudos que discutem a produtividade dos discursos baseados nas teorias de Foucault<sup>6</sup>, sobre a construção do sujeito moral, afirmamos que os discursos sobre e para infância, produzidos pelo MST, operam com mecanismos que produzem a subjetividade e identidades.

Rosa Maria Bueno Fischer, em sua pesquisa *Adolescência em Discurso: Mídia e Produção de Subjetividade*, busca em Henry Giroux a argumentação para dizer da necessidade de pesquisas com pedagogias externas ao processo de escolarização. O autor citado por Fischer diz: “uma nova política cultural também deve lidar, criticamente, com aqueles discursos que estão fora dos domínios tradicionais do conhecimento, para ampliar a definição histórica e relacional de textos culturais, e analisar a forma como o ‘conhecimento’, não importa quão mundano e utilitário, joga com imagens lingüísticas e produz práticas culturais”. (Giroux apud Fischer 1996, p.24)

### **A Pedagogia Cultural do MST com relação à Infância**

O que queremos argumentar é que as produções culturais do MST, enquanto práticas sociais e culturais, se constituem em espaços pedagógicos eficientes nos quais as pessoas, em especial as crianças, não apenas fazem a luta pela terra como realizam aprendizagens e também têm moldadas suas identidades, construindo sua consciência. A identidade “Sem-Terrinha” é rapidamente moldada, constituída pelas canções, pela dramática da “mística”<sup>7</sup>, pelas marchas, enfim, pelos discursos do MST e que faz parte daquilo que Shirley Steinberg ( 1997 ) denomina “Pedagogia Cultural”, constituindo um currículo cultural próprio deste grupo social.

Assim, ao considerar as práticas discursivas do MST acerca da infância como espaços que produzem significados sobre como ser e o que é ser uma criança “Sem-Terrinha”. Relativizamos a neutralidade de tais discursos nos artefatos culturais produzidos. Ou dizendo noutras palavras, os discursos do MST sobre infância, não apenas estão falando deste infantil, como são locais onde desenvolve-se uma importante pedagogia cultural, em que se molda a identidade infantil sem-terra. Os “Sem-Terrinha” como são chamados, têm seu jeito de falar, cantar, brincar, seu modo de erguer os punhos cerrados, andar em fila indiana nas marchas e ocupações, seu jeito de vestir e cobrir a cabeça... , marcados por significados relacionados às práticas de um movimento social em luta pela reforma agrária. A construção e a imposição de significados neste movimento social não têm nenhuma pretensão de neutralidade, ao contrário, o MST tanto compreendeu isso, que produziu artefatos culturais específicos para alimentar o imaginário social<sup>8</sup> de seu coletivo em luta e, com isso, constituiu e constitui subjetividades. Ao MST importa, tanto as intenções, quanto seus efeitos e talvez por isso, tenha coletivos organizados para criar, divulgar e vivenciar aspectos relacionados à cultura, à música, à imprensa e divulgação, à educação<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Jorge Larrosa (1994), Rosa M<sup>a</sup> Bueno Fischer (1996), Marisa V. Costa e Rosa M<sup>a</sup> Hessel Silveira (1998).

<sup>7</sup> Mística – Momento vinculado à prática, influenciado pelo trabalho pastoral de igrejas e pela experiência acumulada e inspirada em lutas socialistas históricas. Sua prática tem papel individual e coletivo nas lutas de massa, nas comemorações, celebrações, alegrias, derrotas e vitórias.

<sup>8</sup> Estamos considerando a relação entre imaginário social e a produção de subjetividades.

<sup>9</sup> Educação aqui entendida para além da escola.

